

PASCOAES: TRIANGULAÇÕES ENTRE O MARÃO,
A BRETANHA E A GALIZA

Luísa Borges

*esa indecisa
inquietude,
cando me ves, bardo amigo,
suidades son dunha patria
qu'un día a alma perdío*

Pondal

Em meados do século XX, mais exactamente, naquele período que me-deia entre os anos 20 e a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), decorre um tempo de paz relativa, na Europa, dado à circulação cultural, que poderíamos representar simbolicamente pelo transcórre líquido dos oceanos, mais precisamente, do Oceano Atlântico. Este tempo de limiar, este tempo do meio que ora nos surge balizado pelo eclodir do fogo destruidor da Iª e da IIª Grandes Guerras correspondeu, pois, a uma espécie de *condição de paz* propícia ao encontro ou reencontro de ideias, sentimentos e representações culturais caracterizado pelo equívoco termo de *Renascença*. Este período, relativamente pacífico, entre o eclodir dos dois grande conflitos globais é radicalmente diferente da Renascença cultural europeia que decorreu entre os séculos XIV e XVII na Europa, enquanto período histórico possibilitado pelas modificações económicas, a saber, o recrudescer do comércio e nascimento de indústrias em torno da ressurreição urbana e inspirado pelas representações culturais da Antiguidade Clássica, marcando, decisivamente, a passagem da Idade Média para a Idade Moderna. A *Renascença* do século XX, a que aludiremos aqui significa, também ela, um movimento de eterno retorno a um passado pré-católico, não obstante, mais remoto, ainda, no sentido mais radical de raiz ou de origem: trata-se da revisitação a um passado *bárbaro*, pré-clássico, pré-latino, avesso à urbanidade e nostálgico do *pagus* e dos espíritos dos lugares agrestes que tutelam as montanhas. Este movimento assume as formas visíveis de uma Renascença literária que parte não dos centros culturais europeus, mas, pelo contrário, das suas periferias, como sucede com a Renascença literária irlandesa protagonizada por W. B. Yeats¹ (1865-1939); ou o mo-

¹ Cf., por exemplo, Richard Zenith, *Pessoa, Uma Biografia*, trad. de Salvato Teles de Menezes e Vasco Teles de Menezes, Quetzal, 2022, pp. 429-433.

vimento português da Renascença Portuguesa, associado, entre outros, ao poeta Teixeira de Pascoaes (1877-1952) e ao filósofo Leonardo Coimbra (1883-1936) e à corrente literária do Saudosismo, bem como à demanda filosófico-especulativa do Criacionismo; ou, de outra parte, ao eclodir do movimento do nacionalismo galego, associado aos membros da geração *Nós*, a revista galega e, entre outros, sobretudo, a Vicente Risco² (1884-1963). Interessa sublinhar aqui que todos estes movimentos associados ao termo *renascença* se reclamam de um apelo a uma tradição autóctone que recuperando e rememorando narrativas épico-literárias e heróis e heroínas fundadores de comunidades ou *trebas* aparece associado ao eclodir de nacionalismos e de regionalismos ou a fazer apelo à necessidade, cultural do seu despertar, primeiro espiritual e, apenas depois, nalguns casos, político. Daqui também o carácter paradoxal, se não mesmo, equívoco deste apelo, nem sempre bem entendido.

Não obstante os pontos em comum entre estes movimentos que podemos enquadrar latamente dentro de um celtismo ou pan-celtismo de tonalidades românticas e referências, tão aparentemente diversas, como as que vão desde as germânicas, quanto as anglo-saxónicas, as irlandesas ou escocesas, interessa atentar que o renascimento cultural céltico peninsular, luso-galaico nasce, porventura, de um mesmo ímpeto literário, a saber, um interesse pelas raízes autóctones da língua e da cultura popular e erudita de cada território, mas mais estreitamente ligado ao despertar bretão ou gaulês assumindo um carácter original que cremos bem diverso, tanto de um ponto de vista cultural quanto político. A Galiza e o Norte de Portugal constituem-se nos dois vértices de uma triangulação que encontra o seu outro vértice irradiador em França, mais exactamente, a partir da espécie de 'Internacional' do Simbolismo³ que era, ao tempo, a icónica revista *Mercur de France*⁴, pela mão do 'poeta-camponês' (a expressão é

² Cf., por exemplo, Isaac Alonso Estraviz, *Relações de Teixeira de Pascoaes com Escritores e Intelectuais*, O Portal Galego da Língua, <http://www.agal-gz.org>

³ Cf., a expressão de Maria Teresa Rita Lopes em *Fernando Pessoa e le drame symboliste: héritage et création*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian/ Centre Culturel Portugais, 1977.

⁴ «Au Mercure on peut tout dire» [«No Mercúrio tudo pode ser dito»], era o lema da *Mercur*, dirigida por Alfred Vallete e depois por Georges Duhamel, *Fundada nos finais do século XIX, (com uma constância apenas interrompida em 1940, devido à ocupação nazi que a interditou, circunstância que perdurará, sensivelmente, até ao fim da ocupação alemã)*. Cf. Luísa Borges, "A Foz como Lugar de Encontro: Philéas Lebesgue & Teixeira de Pascoaes" in *A Revista da Tradição Lusitana* (2017). Cf., aqui a história desta revista que também foi casa editora, tendo dado à estampa inéditos de Mallarmé e Heredia e publicado Gide, Claudel, Colette ou Apollinaire, foi, também, a primeira a editar a obra de Nietzsche, em tradução

de Jean-Pierre Crespin), do incansável “lusófilo apaixonado pela cultura portuguesa”⁵, Philéas Lebesgue, filósofo autodidata, respeitado erudito, poliglota e redactor da *Mercure*, que chegara a esta revista em 1896, trazido pelo poeta simbolista português Eugénio de Castro (1869-1944). Lebesgue, de certo modo, é, também ele, um aparente *outsider*, relativamente aos centros irradiadores da cultura europeia, mas, não obstante, a sua influência haveria de repercutir, tanto nos meios culturais e políticos portugueses do início do século XX, quanto nos meios europeus dedicados ao renascimento do pan-celtismo⁶. Interessa referir aqui que destes três escritores será Lebesgue, «de seu nome druida Ab’Gwench’hlan»⁷, a estabelecer a primeira ponte líquida ou a impulsionar um sistema – epistolar – de vasos comunicantes que se não-de estabelecer entre os três. Com efeito, Vicente Risco chega ao conhecimento de Pascoaes e da sua obra através dos escritos de Lebesgue acerca do poeta do Marão na *Mercure de France*. A relação do druida francês com a cultura portuguesa, não apenas literária, mas também política está hoje bem estabelecida. Destacamos, pois, neste contexto, os encontros, a correspondência trocada entre Lebesgue e os três primeiros presidentes dos primórdios da república portuguesa, Teófilo Braga, Bernardino Machado e Manuel Teixeira Gomes, entre os anos de 1910 e 1926, relações presenciais e epistolares que continuam mesmo no decurso dos tempos de exílio de escritores e políticos, durante os anos da ascensão política dos ideólogos do Estado Novo⁸. Sabemos, de igual modo, da colaboração, sempre muito desejada, de Lebesgue em muitas das mais influentes revistas destes tempos, como a *Águia* ou a *Seara Nova*, entre muitas outras⁹, onde são bem conhecidas as suas posições críticas relati-

francesa de Henri Albert <http://www.mercuredefrance.fr/unepage-historique-historique-1-1-0-1.html>, consultado em 24/02/2024.

⁵ Manuel de Lima Bastos, *Na Luz da Sombra de Mestre Aquilino*, Sopa de Letras, 2011, cap II, p. 48.

⁶ Os correspondentes de Lebesgue abarcam tanto o espaço europeu, como o transcendem, incluindo assim escritores e artistas bálticos, russos, jugoslavos, gregos, romenos, portugueses, mas também brasileiros e sul-americanos.

⁷ Jean-Michel Massa, ‘Prefácio’, in *Portugal no ‘Mercure de France’*, Roma Editora, Lisboa, 2007, p.18.

⁸ Cf., François Beauvy, “Le confident des présidents de la République du Portugal exilés”, in *Philéas Lebesgue et ses correspondants en France et dans le monde de 1890 à 1958*, Ed Awen, 2004, pp.198 a 207.

⁹ No extenso decurso da sua vida - 89 anos - Lebesgue colabora em cerca de 232 revistas, com cerca de 1600 artigos; no que às revistas portuguesas respeita, para além d’*A Águia* e da *Seara Nova*, podemos destacar ainda deste rol a *Atlântida*, o *Bulletin des Études Portugaises*,

vamente ao fascismo italiano e ao Nazismo¹⁰ (contrariamente às posições iniciais de Yeats, relativamente ao fascismo italiano, se bem que, é certo, mais tarde infletidas). Precisamente Lebesgue fez remontar as origens do fascismo, através da análise semiótica dos seus símbolos e práticas alicerçadas na ideia de *Direito*, associada à ideia de *Força*, como princípios avessos da *Honra*¹¹, inscrevendo-as no imperialismo romano da antiguidade, sendo sempre um seu acérrimo crítico, posição coerente com uma análise informada da situação dos povos peninsulares aquando da colonização romana, aliás, em consonância com as análises de António Sérgio¹². Igualmente avisada é a distinção que faz, neste contexto, entre romanidade e latinitude, remetendo para a primeira as críticas sócio-político-económicas e salvaguardando para a segunda uma linhagem cultural positiva que traça desde Virgílio a Dante.

São, de igual modo, bem conhecidas e até algo míticas as circunstâncias do encontro entre Lebesgue e Pascoaes, no início do século XX. Lebesgue estava em Portugal a convite de Teófilo Braga para receber o título de ‘cidadão honorário de Portugal’. Pascoaes e Lebesgue já se correspondiam por carta, sem se conhecerem pessoalmente e eis que o acaso os junta a bordo de um barco, no Porto de Leixões, tendo Pascoaes o hábito de comprar cigarros estrangeiros, nos barcos que aí se encontravam atracados¹³. Sabe-

O Instituto, O Mundo, ou Prometeu, entre outras.

¹⁰ «O espírito de Pitágoras e dos Druidas revive em Dante, e é este mesmo espírito que constitui o âmago do génio de Virgílio. Em Mussolini perpetuam-se os ferozes apetites da Loba. E o hálito da Loba por mais de uma vez viciou o próprio Cristianismo. (...) // Acima da Força está a Justiça. (...) Tratemos de fazer com que o Direito escrito não se limite a sancionar as tropelias da Força. De outro modo não poderá haver paz duradoura.» Lebesgue, “Acima da Força” in *Seara Nova*, N.º 1000-1007, de 26 de Outubro de 1946.

¹¹ Acerca da discussão da importância da ideia moral da *fides* romana para o Humanismo Ocidental Cf., Maria Helena da Rocha Pereira, *Nas Origens do Humanismo Ocidental: Os tratados Filosóficos Ciceronianos*, Conferência Proferida na Faculdade de Letras do Porto em 30 de Abril de 1985, in *Revista da Faculdade de Letras* [da Universidade do Porto], Línguas e Literaturas, II Série, Vol. II, Porto, p. 21- 22. Acerca das tensões e diferenças entre noções consuetudinárias da *honra* para celtas peninsulares e ocupantes romanos Cf., Luísa Borges. “Lusitânia, Berço de Tradição”, in *A Revista da Tradição Lusitana* (2018) pp. 40-48.

¹² Cf., António Sérgio, “Lusitanos e Romanos”, in *Obras Completas. Ensaios, Tomo VIII*, Edição Crítica orientada por Castelo Branco Chaves, Vitorino Magalhães Godinho, Rui Grácio e Joel Serrão e organizada por Idalina Sá da Costa e Augusto Abelaira, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1974.

¹³ Cf., Jean-Michel Massa, ‘Prefácio’, in *Portugal no ‘Mercure de France’*, Roma Editora, Lisboa, 2007, p.12; Maria José Teixeira de Vasconcelos, *Na Sombra de Pascoaes*, Vega, Lisboa, 1993, pp. 45-46. Cf., Luísa Borges, “A Foz como Lugar de Encontro: Philéas Lebesgue &

mos, também, que “esta terá sido a primeira¹⁴ de pelo menos três visitas ‘oficiais’, isto é (duas) a convite de autoridades portuguesas, tendo a segunda ocorrido em 1923 e a terceira (esta já com estadia na Casa de Pascoaes no Marão e a convite deste) em 1931, tendo a atestá-la a famosa placa com inscrição do nome do Grande Druida das Gálias, com a respectiva data (‘1931’), nos jardins da Casa de Pascoaes, no Solar de S. João do Gatão...”¹⁵ Sabemos que este derradeiro encontro terá comovido, sobremaneira Lebesgue quando é recebido no Solar de Pascoaes com uma chuva de pétalas de camélias, ritual próprio da recepção de um Mestre, em diferentes tradições. Também já Lebesgue brindara Pascoaes em cartas com os epítetos de Irmão e de Mestre: « Je vous admire et je vous aime profondément, comme un frère et comme un disciple [Eu admiro-o e amo-o profundamente, como um irmão e como um discípulo]»¹⁶, termos de especial afeto e deferência na tradição druídica. Para a geração galega da Irmandade da Fala ou da revista galega *Nós*, nas palavras de Vicente Risco¹⁷, são, também, os termos de *amigo, irmão e mestre*, endereçadas a Pascoaes, que repetidas vezes lemos e sabemos como Risco assume, neste contexto, junto de uma geração mais nova, o mesmo estatuto de Mestre. Se não na druidade iniciática e ritualmente assumida por Lebesgue, se não na espiritualidade desta mesma druidade assumida literariamente por Pascoaes, poeta, nas suas próprias palavras, de «espírito ibérico emotivo e bárbaro»¹⁸, irmanados os

Teixeira de Pascoaes”, in *A Revista da Tradição Lusitana* (2017).

¹⁴ Pascoaes, em carta para Suzanne Jousse (tradutora da sua obra), datada de 1931, situa o primeiro encontro em 1910: “Minha querida confrade: /Também recebi hoje uma carta do querido Philéas Lebesgue, a anunciar-me a sua vinda, nos mesmos dias de Dezembro! Ainda bem que o vamos ter entre nós alguns dias! Não o vejo desde 1910. Já decorreu o tempo bastante para fazer das nossas pessoas dois velhos. Felizmente os penedos que se riem dos anos que passam. Mas essa felicidade é um privilégio dos minerais, que são afinal a parte da criação mais próxima do Criador. Por isso os Celtas adoravam os rochedos de granito.” Teixeira de Pascoaes, in Lurdes da Conceição Preto Cameirão, *Antologia Epistolográfica de Autores dos sécs. XIX-XX*, Instituto Politécnico de Bragança, 1999, p. 296.

¹⁵ Luísa Borges, “A Foz como Lugar de Encontro: Philéas Lebesgue & Teixeira de Pascoaes”, in *A Revista da Tradição Lusitana* (2017).

¹⁶ Philéas Lebesgue, in Lurdes da Conceição Preto Cameirão, *Antologia Epistolográfica de Autores dos sécs. XIX-XX*, Instituto Politécnico de Bragança, 1999, p. 148.

¹⁷ Cf., Vicente Risco, *Teixeira de Pascoaes, Vicente Risco (Epistolário)*, Prefácio e transcrição de Maria Luísa Malato e Maria Celeste Natário, Introducción e transcripción de Delfín Caseiro Nogueiras, Fundación Vicente Risco, [Ourense_26-XI_1920], p. 87; [Fortaleza do Castro Caldelas. Mes de Santiago 1921], p. 101; [carta assinada por mais 7 componentes da Irmandade da Fala, s/d, 1921?], p. 107.

¹⁸ Teixeira de Pascoaes, em excerto polycopiado de carta manuscrita (possivelmente inédita).

três serão na mesma celticidade, nas palavras de Pascoaes sobre Lebesgue a Suzanne Juisse, tradutora e discípula de ambos: “Já decorreu o tempo bastante para fazer das nossas pessoas dois velhos. Felizmente os penedos que se riem dos anos que passam. Mas essa felicidade é um privilégio dos minerais, que são afinal a parte da criação mais próxima do Criador. Por isso os Celtas adoravam os rochedos de granito.»¹⁹ Quais serão, então, as características desta celticidade que assim irmana estes autores, como poderemos referenciar os seus valores?

O mote é dado por Lebesgue quando se refere explicitamente a Pascoaes nas páginas da *Mercur de France* “como um profeta do panlusismo”²⁰, especialmente nos meios peninsulares não assimilados por Castela, como a Galiza. Mote a que responde Vicente Risco, falando de uma *Mátria espiritual* feita da matéria da *Língua* e da *Paisagem*. Não se trata, pois, da referência a um poder económico e político, mas de um retorno a um espaço e a um tempo – personificado pela Saudade ou a *alma lusitana* ou a *alma galega*, como *almas gémeas* consideradas. Trata-se de uma *Mátria* que ignorando as modernas fronteiras, diz respeito às mais remotas e originais fronteiras, pré-romanas ou melhor dizendo, sobretudo à ausência de fronteiras (segundo Lebesgue), mas também, segundo Risco, trata-se da recuperação de um espaço e de um tempo pré-castelhanos onde se continua a jogar o destino de um *povo pequeno*, aparentemente *fraco*, mas que não abdica do seu radical ou da sua raiz primeva: uma ideia de liberdade, não apenas como autodeterminação da vontade, mas como insubornável insubmissão e insubornável respeito por essa gramática vivencial celta do achamento do *ponto de liberdade*. A ideia de *raia* como tempo e espaço de *liminaridade* ou de encontro parece corresponder melhor ao lugar desta irmandade ou deste retorno. Há pois, segundo Risco, *um parentesco de sangue, profundo, antiqüíssimo* que reverencia uma *Mátria* e se referencia ou filia numa língua comum, o galego-português restabelecendo, assim, uma linhagem espiritual ou linguística na qual Pascoaes e Risco se reveem e inscrevem e que segue desde os cancioneiros medievais galaico-portugueses, até aos *Cantares Gallegos* de Rosalia de Castro (1837-1885), ou os versos de Pondal (1835-1917) outros tantos *contos, paisagens* emocionais,

ta) publicada no jornal *Indice, de artes e letras*, Madrid, Julho-Agosto, 1958.

¹⁹ Teixeira de Pascoaes, in Lurdes da Conceição Preto Cameirão, *Antologia Epistolográfica de Autores dos sécs. XIX-XX*, Instituto Politécnico de Bragança, 1999, p.296.

²⁰ Cf., Philéas Lebesgue, *Portugal no Mercure de France. Aspectos Literários, Artísticos, Sociais de Fins do Séc. XIX a Meados do Séc. XX* (tradução e coordenação de Madalena Carretero Cruz e de Liberto Cruz), Roma editora, Lisboa, 2007, p. 394.

hábitos, *ethos*, ou cantos das *trebas* como livros de horas desta narrativa ou deste trilho. Pondal, segundo Risco faria remontar estas raízes ou arquétipos *míticos* da *Grei* desde a pré-história. Não se trata aqui do retomar de recursos retóricos, nem da expressão de uma nostalgia precursora de utopias. Muito pelo contrário não há um *u-topos*, mas a tomada de consciência de um profundo enraizamento num *topos* feito de Terra e de palavras. Nesta linha, Risco refere um movimento de *rebeldia contra o imperialismo castelan* onde se irmanam galegos, bascos, catalães, mas também lusíadas. Trata-se de uma irmandade no sentimento-ideia da Saudade que se espalha, como as ondas serpentinas se enrolam em torno do caduceu de Hermes, em “Espranza e Lembranza”, desde o passado dos antepassados ou devanceiros de um velho e ancestral Atlantismo, descobridor e colonizador de outras terras a Ocidente e Oriente, até a um futurante movimento de regresso ou de “reintegración do home à Terra, depois que os escesos d’unha civilización artificial o tinñan por moito tempo desarraigado i-arredado d’ela... Unha volta à Natureza...”²¹ como um regresso messiânico semelhante ao das tribos perdidas de Israel de regresso ao ansiado encontro da sua Terra Prometida. Espelhando esse sentimento galego idêntico movimento que Risco diz vir “notando na mocidade portuguesa algo coma un cansancio ou cecais un arrependimento do imperialismo português d’outrora, unha volta à terra co mesmo estado d’alma co que tomou o fillo pródigo” e continua em antecipação futurante ou, nas suas palavras, em a “Espranza” que “me fai futurista”, “Él non será ô millor iste retorno pra tomar pulo pra unha nova alancada?”... Para concluir, “Enton penso un novo imperialismo luso-galaico do Sur, espiritual, desta vez, espallando a nosa lingoa, e mais a nosa cultura por total-as terras colonizadas pol-os fillos de Portugal e de Galiza, facendo ver às xentes o mundo d’un xeito novo: na Saudade creadora.” (*ibid.*, pp. 72-73). Lemos estas linhas de Risco e dificilmente não evocamos Vieira ou Pessoa.

A referência metafórica de Risco ao caduceu do deus Hermes reenvia-nos ao redator da *Mercurie de France*, Lebesgue. Com Risco e Pascoaes, também ele partilha desse movimento de retorno à Natureza, ao *amor do solo ancestral* que não se deixa seduzir pelo *mecanicismo* do *prestígio falacioso* das cidades... Não obstante, este sentimento cava mais fundo, indo a par de uma demanda religiosa crítica, sem a qual seria totalmente desprovido

²¹ Vicente Risco, *Teixeira de Pascoaes, Vicente Risco (Epistolário)*, Prefácio e transcrição de Maria Luísa Malato e Maria Celeste Natário, Introducción e transcripción de Delfin Caseiro Nogueiras, Fundación Vicente Risco, [s/d], p. 75.

de sentido. Segundo Lebesgue, a abertura desse caminho reside na obra de Pascoaes. Para escrever ou reescrever, nas palavras de Lebesgue, este *catecismo da nacionalidade*, necessário será seguir no encaço do trilho aberto pelo Mestre do Marão: “De ce côté, vous ne sauriez croire combien vous obéissez au vieil instinct celtique de liberté. En vous séparant de Rome, vous vous affirmez le descendant spirituel de ces vieux druides de l’Irlande qui avaient entrepris la synthèse du Christianisme et de l’esprit païen.»²² Traduzimos e sublinhamos: «Separando-vos de Roma, afirmai-vos como o descendente espiritual desses velhos druidas da Irlanda que tinham empreendido a síntese entre o Cristianismo e o espírito pagão». Tanto Lebesgue como Pascoaes refletem acerca dos paradoxos contraditórios entre a figura de Jesus e a figura do Cristo enquanto rosto do Cristianismo Católico Apostólico Romano, identificada esta com a religião imperial que colonizará a Europa, *imbuída tanto do espírito sacrificial e martirológico judaico, como do hegemonismo proselitista característico da Roma imperial*. Tanto para o mestre do Marão como para o Mestre gaulês, *a Tradição Druídica antecede o Cristianismo, medita-o, incorpora-o e nele e contra ele e com ele se continua*²³. Ponto de vista crítico que interessará sobremaneira franciscanos e jesuítas pela obra de Pascoaes, pois implica: o carácter libertário das doutrinas igualitárias e caritativas ou amorosas de Jesus, preconizando uma *consequente fidelidade equitativa à Terra e a todos os seres vivos, minerais, vegetais humanos e ‘não humanos*²⁴, pois, sendo todos literal, linear e geneticamente oriundos da mesma *poalha estelar*, imagem tão recorrente na obra de Pascoaes, todos fraternalmente partilham uma mesma Natureza que fraternalmente todos habitam. Como se os três escritores de antanho desta triangulação que revisitámos, profeticamente antecipssem as preocupações ecológicas e éticas dos nossos dias.

²² Philéas Lebesgue, in Lurdes da Conceição Preto Cameirão, *Antologia Epistolográfica de Autores dos sécs. XIX-XX*, Instituto Politécnico de Bragança, 1999, p. 148.

²³ A este propósito veja-se o longo poema de 1903, *Jesus e Pã*, de Pascoaes e leia-se a famosa frase de Lebesgue em *Paroles Devant Le Soleil*, proferidas por Taliesin, Mestre de Merlim: “J’étais au pied de la Croix, quand le Christ y monta”. Philéas, Lebesgue, *Paroles Devant Le Soleil*, in Mes Semailles, L’Amitié Par Le Livre, 1979, p. 244-245. Palavras que deverão ser trianguladas a partir destas atribuídas no Evangelho: “Misericórdia quero, e não holocaustos/sacrifícios” (Mateus, 9; 12.7).

²⁴ Cf., Luísa Borges, “A Foz como Lugar de Encontro: Philéas Lebesgue & Teixeira de Pascoaes”, in *A Revista da Tradição Lusitana* (2017).

Bibliografia

- Bastos, Manuel de Lima, *Na Luz da Sombra de Mestre Aquilino*, Sopa de Letras, (2011).
- Beauvy, François, “Le confident des présidents de la République du Portugal exilés”, in *Philéas Lebesgue et ses correspondants en France et dans le monde de 1890 à 1958*, Ed Awen, (2004).
- Borges, Luísa, “A Foz como Lugar de Encontro: Philéas Lebesgue & Teixeira de Pascoaes”. *A Revista da Tradição Lusitana*, 8, novembro (2017).
- Borges, Luísa, “Lusitânia, Berço de Tradição” in *A Revista da Tradição Lusitana* (2018).
- Cameirão, Lurdes da Conceição Preto, *Antologia Epistolográfica de Autores dos sécs. XIX-XX*, Instituto Politécnico de Bragança (1999).
- Estraviz, Isaac Alonso, *Relações de Teixeira de Pascoaes com Escritores e Intelectuais*, O Portal Galego da Língua, <http://www.agal-gz.org>
- Lebesgue, Philéas, “Acima da Força” in *Seara Nova*, N.º 1000-1007 de 26 de Outubro de 1946.
- Lebesgue, Philéas, “Paroles Devant Le Soleil”, in *Mes Semailles*, L’Amitié Par Le Livre (1979).
- Lebesgue, Philéas, *Portugal no Mercure de France. Aspectos Literários, Artísticos, Sociais de Fins do Séc. XIX a Meados do Séc. XX* (tradução e coordenação de Madalena Carretero Cruz e de Liberto Cruz), Roma editora, Lisboa. (2007).
- Massa, Jean-Michel, ‘Prefácio’, in *Portugal no ‘Mercure de France’*, Roma Editora, Lisboa. (2007).
- Pereira, Maria Helena da Rocha, *Nas Origens do Humanismo Ocidental: Os tratados Filosóficos Ciceronianos*, Conferência Proferida na Faculdade de Letras do Porto em 30 de Abril de 1985, in *Revista da Faculdade de Letras* [da Universidade do Porto], Línguas e Literaturas, II Série, Vol. II, Porto.
- Lopes, Maria Teresa Rita, *Fernando Pessoa et le drame symboliste: héritage et création*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian/ Centre Culturel Portugais, (1977).
- Pascoaes, Teixeira de, excerto policopiado de carta manuscrita (possivelmente inédita) publicada no jornal *Índice, de artes e letras*, Madrid, Julho-Agosto, (1958).
- Risco, Vicente, *Teixeira de Pascoaes, Vicente Risco (Epistolário)*, Prefácio e transcrição de Maria Luísa Malato e Maria Celeste Natário, Introducción e transcripción de Delfin Caseiro Nogueiras, Fundación Vicente Risco, [s/d].
- Sérgio, António, “Lusitanos e Romanos”, in *Obras Completas. Ensaios, Tomo VIII*, Edição Crítica orientada por Castelo Branco Chaves, Vitorino Magalhães Godinho, Rui Grácio e Joel Serrão e organizada por Idalina Sá da Costa e Augusto Abelaira, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa (1974).
- Vasconcelos, Maria José Teixeira de, *Na Sombra de Pascoaes*, Vega, Lisboa, (1993).
- Zenith, Richard, *Pessoa, Uma Biografia*, trad. de Salvato Teles de Menezes e Vasco Teles de Menezes, Quetzal, (2022).